

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO

Pedro Paulo Souza Rios ¹
André Ricardo Lucas Vieira ²

RESUMO

O presente artigo buscou transcorrer acerca da importância da Educação de Jovens e Adultos – EJA e, sua função formadora e tem por objetivo analisar quais as percepções dos jovens e adultos egressos dessa modalidade de ensino. Assim, salientamos a importância de lançar um olhar mais sensível aos sujeitos do processo formativo da EJA que estão em busca da construção de uma identidade social, estes enfrentam dificuldades e muitos desafios, não só na vida social como também na vida escolar. O trabalho se configura enquanto pesquisa de cunho qualitativo descritiva e exploratória, onde almejamos favorecer a percepção da construção de um projeto político pedagógico na Educação de Jovens e Adultos de ensino-aprendizagem para além dos limites da escola. A pesquisa foi desenvolvida com a colaboração de estudantes da EJA de uma escola do Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru, no Estado da Bahia. Ao concluir o estudo podemos inferir que esta modalidade de ensino ainda continua as margens do descaso no que se refere às políticas educacionais. Assim, faz-se necessário que pensemos em formar os sujeitos da EJA para a vida com habilidades que os garanta viver em sociedade sem medo e nem preconceito, tornando-os homens e mulheres construtores/as do seu futuro, acreditando em seu potencial humano.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Alunos/as da EJA, Formação Docente.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos – EJA, é uma modalidade de ensino que no decorrer da história tem ganhado espaço em estudos e políticas públicas, sendo ainda um campo fértil para estudo e pesquisas educacionais, se constituindo enquanto campo complexo e amplo que trabalha com sujeitos sociais que possuem distintas histórias de vida, que enfrentam problemas para acompanhar o ritmo do mundo contemporâneo globalizado e em constante transformação. Assim, essa modalidade de ensino tem enfrentado desafios que pensávamos terem sido superados.

É importante ressaltar que a Educação de Jovens e Adultos é assegurada pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira 9394/96, conhecida popularmente como LDB, embora ainda ocupe um lugar de subalternidade na oferta por uma parte considerável dos municípios do Brasil (ARROYO, 2006). A ênfase na garantia do ensino fundamental, etapa obrigatória e

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS; Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Filosofia Contemporânea; Graduado em Pedagogia e Filosofia, peudesouza@yahoo.com.br

² Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Graduado em Matemática. sistlin@uol.com

de controle social aguçado, seguida da inadequada utilização das mesmas propostas pedagógicas utilizadas para as crianças tem sido alguns dos elementos que interferem na consolidação de uma política de Educação de Jovens e Adultos (ARROYO, 2006).

Enquanto política pública a Educação de Jovens e Adultos é um direito fundamental indispensável à cidadania e, por conseguinte é o canal de acesso a outros direitos (ARROYO, 2006). Essa postulação no ordenamento jurídico brasileiro exige do Estado a oferta desta modalidade de ensino de maneira a suprir os *déficits* históricos de negação desse direito a uma camada significativa de brasileiros/as.

Desta forma, entendemos que a temática aqui abordada se constitui enquanto objeto de estudo que necessita de reflexão teórico epistemológica acerca do fazer pedagógico na EJA. Ademais, acreditarmos ser possível pensar práticas pedagógicas diferenciadas, considerando nossa trajetória acadêmica, nos sentimos desafiados a desafiar educadores/as e sociedade civil a rever e participar desta luta travada há décadas, compreendendo que a educação escolar e a formação dos/as educandos/as tende a alargar suas práticas sociais.

Portanto, ratificamos com este estudo a importância de lançar um olhar mais sensível aos sujeitos do processo formativo da EJA que estão em busca da construção de uma identidade social, estes enfrentam dificuldades e muitos desafios não só na vida social como também na vida escolar, bem como dificuldades para aprender a ler, escrever, ou fazer contas de matemática, mas são os problemas pessoais que mais interferem no processo de aprendizagem, entretanto, mesmo depois de um dia exaustivo de trabalho tentam por meio dos estudos melhorar a vida, realizar sonhos, desejam ascensão social, cursar uma faculdade, sobretudo, devido às exigências do mercado de trabalho e da sociedade anseiam por novos conhecimentos.

O presente estudo insere-se numa investigação qualitativa e de campo, uma vez que decorreu no ambiente natural dos sujeitos. Segundo Bogdan e Biklen (1994), é uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais.

É, portanto, uma investigação de cunho descritivo, que procura pôr em detalhes a realidade dos sujeitos e suas opiniões, dentro do contexto que estão inseridos é perceptível que os alunos da EJA têm grandes dificuldades de leitura e escrita assim como adaptação ao novo, para tanto é fundamental que haja incentivo por parte do educador assim como de todo o corpo escolar.

1. ENTRE A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO DOS SUJEITOS DA EJA

Educação de Jovens e Adultos é uma construção histórica marcada por desafios e conquistas, continuidade e descontinuidade. Na atualidade é notório que o caminho desta modalidade de ensino vem abarrotada de obstáculos pois estes sujeitos que frequentam a EJA concentram se em si um mundo de luta para sobrevivência histórica, onde suas lutas estão marcadas em cada rosto e demonstram seu poder de superação.

Desta forma, vale lembrar que estes/as educandos/as têm especificidades e merece maior atenção pelo poder público, não podemos em momento algum esquecer que em sua grande maioria estes sujeitos são jovens e adultos/as analfabetos/as com grandes problemas sociais como falta de moradia, sem trabalho, em estado de vulnerabilidade, mas sem perder seu direito a formação, seu direito de buscar conhecimento e tentar através do ensino uma qualidade de vida satisfatória para sua realidade.

Um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais, feita por um alfabetizado, se recebe cartas. Que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (...) se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda „analfabeta “(...) mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada (SOARES, 2006, p.24).

Diante do exposto vale lembrar de que estes/as alunos/as vêm de realidades distintas e cada um/a precisa serem respeitados/as em seus contextos sociais e em suas subjetividades. É preciso enxerga-los/as enquanto sujeitos com direitos e deveres, com responsabilidade social e familiar, que tem valores morais, religiosos e éticos instituídos a partir da experiência pessoal, do lugar onde vive e da realidade sociocultural em que estão inseridos.

A formação educacional nessa modalidade de ensino precisa buscar confirmar-se enquanto formadoras de personalidade e indivíduos atuantes na sociedade, que possa emitir sua opinião de forma a apropriar-se do conhecimento, e que critiquem, dialoguem diante das mais diversas situações, sendo este importante e fundamental em consonância com conteúdo relevantes, atuais e interessantes, aprimorando desta forma o senso crítico. É preciso entender de que a falta desse método, ou, a falta de habilidades dinâmicas pode inviabiliza uma educação de qualidade.

Deste modo para entender os desejos educacionais do aluno é necessário adentrar no universo do/a educando/a, ganhar sua confiança e demonstrar conhecimento, de maneira que os/as mesmos/as possam alcançar o conhecimento da realidade de forma crítica focado no objetivo de construir para além da sua realidade. De acordo com Freire (2002, p. 80):

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podem aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana.

É preciso conhecer e vivenciar junto aos/as estudantes da EJA suas mais diversas expectativas para que a comunidade escolar, estudantes e docentes construam caminhos e parcerias que os/as orientem a avançar nos níveis de conhecimentos que eles/as já possuem e também se sentirem preparados para alcançar melhores lugares no mercado de trabalho.

O aspecto subjetivo toma corpo numa unidade dialética com a dimensão objetiva da própria ideia, isto é, com os conteúdos concretos da realidade sobre a qual exerce o ato cognoscente. Subjetividade e objetividade, desta forma, se encontram naquela unidade dialética de que resulta um conhecer solidário com o atuar e este com aquele. É exatamente esta unidade dialética que gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la (FREIRE, 1987, p. 26).

Diante do exposto entendemos que educação e a formação dos/as alunos/as da EJA sejam muito mais do que simplesmente adquirir o conhecimento das disciplinas curriculares a exemplo do ler, escrever e realizar cálculos matemáticos para conseguir empregos, mas é especialmente compreender, analisar, refletir, transformar o conhecimento e saber fazer ou social desses saberes. Para isso, o conhecimento deve ser concebido como um movimento dialético.

A prender a ler e escrever é muito mais do que saber transcrever, você só aprende a ler e escrever, lendo e escrevendo como diz Piaget (1974) que conhecimento é construído através da interação do sujeito com seu meio, a partir de estruturas existentes. Assim sendo, a aquisição de conhecimentos depende tanto das estruturas cognitivas do sujeito como da relação dele, sujeito, com o objeto.

O termo letramento é o uso das práticas sociais da leitura e da escrita e difundiu-se rapidamente no meio acadêmico; porém, anteriormente, transitou pela mídia e nas escolas na tentativa de produzir algum sentido para além do termo alfabetização, que já não era suficiente para explicar o processo de aquisição do código escrito.

O letramento diferentemente da alfabetização é considerada como um processo social e não apenas individual, ele vai além das habilidades de leitura e escrita, abrangendo toda a demanda social da leitura e da escrita e produzindo gêneros textuais, conforme Tfouni (2002, p. 9),

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócios históricos da aquisição da escrita, entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escrita de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. Desse modo, o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social.

Letramento significa introduzir-se nessa diversidade de práticas de leitura e escrita, é a capacidade do/a aluno/a utilizar a leitura e a escrita para resolver problemas do cotidiano. Esse processo é internalizado através do letramento, o/a aluno/a passa a utilizar a leitura e a escrita em seu benefício para facilitar suas práticas sociais.

A escola representada pelos/as professores/as deve ensinar os/as alunos/as a ler e escrever, mas também ajudar eles/as a compreender a utilidade e a importância dos textos abordados no seu cotidiano, ou seja, qual a função social dos textos lidos. São exemplos de letramento quando o/a aluno/a utiliza o código escrito para deixar um recado, escrever uma carta, fazer uma lista, marcar uma data no calendário, ler uma receita de bolo, controlar o orçamento doméstico, ler trechos da bíblia, ler para distrair todos esses exemplos tem uma função social e ao utilizá-los o/a aluno/a é considerado/a além de alfabetizado também letrado.

Logo, alfabetização e letramento são processos distintos, embora possam e devam caminhar simultaneamente. Não se pode dissociar Alfabetização e Letramento, pois uma complementa a outra. Segundo Soares (2006, p. 47):

Assim, teríamos de alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Segundo a autora o ideal seria alfabetizar letrado, daí a importância da não dissociação de ambas. Essa discussão busca mostrar que ao se estabelecer um diálogo com os/as alunos/as na fase inicial do processo de alfabetização de jovens e adultos, é importante que eles/as conversem que contem suas experiências e exponham suas dúvidas e necessidades de aprender,

a fala deles/as deve ser ouvida e respeitada, visto que a expressão oral contribui para o desenvolvimento da linguagem e, simultaneamente, com a aprendizagem da leitura e escrita.

2. METODOLOGIA

O trabalho ora apresentado se deu sobre a égide da tradição hermenêutica de compreender os significados que os/as alunos/as da EJA dão aos motivos da sua não permanência na escola, optamos por um estudo descritivo, exploratório de base fenomenológico, tendo como instrumento de coleta de dados a o questionário aberto.

Para estudo do tema proposto foi utilizado a abordagem qualitativa em educação, por ser uma abordagem mais adequada para o estudo das relações existente na sociedade e que contribuiu para realização com maior êxito a nossa observação, no entanto o foco da investigação estará centrado na compreensão e definição atribuída pelos sujeitos as suas ações. Para Ludke e André (1986).

A abordagem qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que com o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (Ludke e André 1986. p.11).

Em relação à sua natureza, desenvolvido um questionário aberto, pois, o mesmo permite trabalhar com os sentimentos e falas dos envolvidos no estudo, construindo um laço de confiança e segurança entre o/a pesquisador/a e o/a pesquisado/a.

O presente estudo insere-se numa investigação qualitativa e de campo, uma vez que decorreu no ambiente natural dos sujeitos. Portanto, segundo Bogdan e Biklen (1994), é uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Com a finalidade de se alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico, apoiando-se nos/as autores/as que defendem uma educação de qualidade e compromissada com a formação integral dos educandos, sobretudo no EJA. O qual nossas questões chaves são identificadas, perguntas são reformuladas descobrindo assim, o que de fato importa.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual colégio estadual Artur Oliveira da Silva, Antônio Gonçalves – Bahia.

2.1 Instrumentos e os Sujeitos da Pesquisa

O primeiro passo para iniciar a pesquisa foi explicar aos educandos que a nossa intenção era de fato entender o espaço do EJA e sua função formadora na vida dos/as educandos/as esclarecendo que estaríamos realizando um trabalho de conclusão de curso e que gostaríamos da compreensão e da participação de todos/as para que se disponibilizassem a responder o nosso questionário aberto, no entanto apenas quatro se disponibilizaram a responder, que tinha como objetivo: analisar se os estudantes ali presentes conhecem a importância da formação desenvolvida no EJA, e o motivo do grande número de desistência nessa modalidade de ensino.

Em nosso questionário aberto para melhor organização das respostas e que pudesse dar visibilidade a perspectiva dos sujeitos do estudo, e também considerando os objetivos do mesmo, criamos para esta etapa do estudo os seguintes tópicos: perfil das entrevistadas, e tópicos com perguntas e respostas. Dessa forma, para cada tópico, tem-se uma síntese das respostas do questionário e uma análise que se dá em diálogo com a fundamentação teórica.

Os/as nossos/as entrevistados/as são alunos/as oriundos/as da modalidade de ensino EJA I e II, trabalhadores/as do mercado informal, casados/as, moram na mesma cidade em que estudam. Os sujeitos desse estudo serão identificados/as por codinomes afim de resguardar o anonimato. Assim, optamos por utilizar o último sobrenome e a profissão que eles estavam exercendo no período desse estudo.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

No tópico ora apresentado faremos uma explanação dos dados colhidos e analisados durante toda a nossa pesquisa, os resultados apresentados é resultado da análise e discussão de dados, que tem por objetivo dá embasamento para nos apropriarmos com maiores detalhes do assunto abordado, concretizando assim, o que sinaliza a pesquisa qualitativa, foram com base em respostas do questionário aberto com alunos/as onde os/as mesmos/as foram informados/as de antemão que estariam participando de um trabalho de uma pesquisa, que tinha por objetivo compreender quais eram os desafios de estudar na EJA, mas que eles não eram obrigados/as a participarem, e para os/as que participassem suas identidades seriam mantidas.

Podemos constatar que a 80% dos/as alunos/as pesquisados/as estão estudando na EJA há menos pelo menos dois anos, alguns/mas são repetentes, pois afirmam desistir em meados de junho a julho. Vale ressaltar que nos chamou muita atenção ao ouvi-los/as apontando quais foram os motivos que tiveram para retornar à escola

Constatamos que a maioria não tiveram outras oportunidades de cursar o ensino normal, mas tem muito interesse em aprender especificamente a lê e escrever, constatando assim que o mais importante é concluir o ensino médio deixando nos preocupados com o que e para que serve a educação escolar seja ela qual for a sua modalidade onde Parâmetros Curriculares Nacionais ressalta a grande importância da formação integral dos sujeitos.

Sobre a compreensão que eles/as têm da escola e o planejamento de ensino, a análise foi a seguinte Pedreiro da Silva afirma que: “A escola é boa. Não tenho do que reclamar, pois disponibilizar aulas a noite pra gente poder aprender a ler e escrever, isso pra mim é suficiente quanto a este tal de planejamento de ensino não é função minha e sim da escola e do professor”.

Diante do exposto podemos evidenciar que o, mas importante para este sujeito é aprender a ler e escrever, mas não os interessa, por serem de comunidades pobres e terem que trabalhar desde cedo eles/as se satisfazem com o pouco oferecido, na verdade vivem na escola exclusivamente na EJA o simplismo e o conformismo.

Diarista dos Santos disse o seguinte: “Eu nem sei o que é isso, a escola eu só conheço por parte, pois já chegou no horário da aula, também não tenho interesse em conhecer nem tenho tempo pra mim basta o que acontece dentro da sala de aula!”.

O que percebemos é que esta aluna acredita que o método bancário de ensino é suficiente para seu aprendizado, isto é o velho tradicionalismo é mais que suficiente para suprir suas necessidades educacionais.

Gari de Almeida diz: “Eu até conheço, pois tenho filhos que estudam aqui durante o dia, mas não vejo necessidades este não é meu papel, quanto este tal de planejamento pelo que sei cabe aos professores meu papel é de assistir aula”.

É preciso sensibilizar os/as educandos/as de que eles/as precisam aprender ir além da leitura e da escrita, precisam ter ciência de que ao aprender apenas o básico eles estão desistindo do direito de conquistar seus direitos, do dever de valorizar sua cultura e redescobrir sua identidade social e humana.

Doméstica Moreira salienta que: “Tem até noção da importância de fazer parte do planejamento pedagógico da escola, pois é ele quem define o que eles precisam aprender ou não, mas nunca se interessou por falta de tempo, quanto ao ambiente escolar tanto faz”.

É possível compreender de acordo com a fala do aluno que ele até conhece e tem noção da importância do planejamento pedagógico para o ensino inclusive na EJA para tanto não participar e nem tem interesse em participar, quanto ao ambiente escolar percebemos total descaso.

Pedreiro de Jesus responde o seguinte: “Eu sou apenas aluno não vou perder tempo com assuntos burocráticos da escola basta vir estudar e concluir meu segundo grau afinal a escola não é minha”.

Observa-se que um número significativo de alunos não sabe o porquê do estudo e o quanto é fundamental ir além da leitura e da escrita, pois os mesmos deixam claro não entender o que é fazer parte do seu processo formativo e o quanto é indispensável conhecer o ambiente escolar para que possam contribuir com sua identidade educacional e social. Não compreendem a sua relevância. Sobre essa questão Gadotti e Romão (2006, p. 120) afirmam que:

Deve-se levar em conta diversidade destes grupos sociais: perfil socioeconômico, étnico, de gênero, de localização espacial e de participação socioeconômica. Sendo assim, requer pluralismo, tolerância e solidariedade na sua promoção, na oportunidade de espaços e na alocação de recursos.

É necessário compreender o espaço de vida dos sujeitos para poder intervir de forma satisfatória em sua formação. Os/as alunos/as de EJA trazem consigo bastantes conhecimentos que podem até não serem aqueles sistematizados pela escola, mas que devem ser respeitados, e serve como ponto de partida para a aquisição de outros. A partir das informações apresentadas, podemos verificar o grau de importância atribuída ao/à aluno/a da EJA responsabilidades voltadas para sua formação e libertação.

Nesta pergunta as respostas foram basicamente as mesmas. A maior dificuldade em estudar? Diarista dos Santos assume que se sentir cansado: “Eu me sinto cansado”. Gari de Almeida afirma: “Nunca gostei de estudar estudo porque sou obrigado, pois o mercado de trabalho pra tudo exige o segundo grau”.

Já Doméstica Moreira diz que “[...] até gosto de estudar, mas há dias que chego tão cansada que só quero ficar em casa, pois não é fácil trabalhar, cuidar de casa e estudar e muito difícil e exigem muita disposição”. E Pedreiro de Jesus “[...] sei não, mas não sou e nem nunca fui fá de estudo e agora trabalhando o dia inteiro é brabo;”

Realmente para quem tem jornada dupla e às vezes tripla é preciso ter muita força de vontade, no entanto com estímulo é possível ver a escola de uma outra visão. A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que se destina a jovens e adultos/as que não tiveram e não tem acesso ou que por qualquer motivo não puderam concluir ensino regular. No entanto em momento algum pode ser descaracterizado, como ruim e descumpridor do seu papel formativo.

Vale ressaltar que estes/as têm direitos assim como os demais homens e mulheres dessa sociedade, e que por motivo algum se justificar um ensino na EJA, frágil e sem qualidade, faz-

se necessário elevar o nível de conhecimento destes/as educandos/as e buscando junto as autoridades locais promover ações que contribua de forma satisfatória para o aprendizado e fortaleça no/a educando/a o prazer em está e ser aluno/a da EJA.

Como se pode observar nas respostas destes sujeitos o grau de dificuldade de aprendizagem e compreensão da necessidade real do aprendizado é de se imaginar que grande maioria desses cidadãos ficaram bastante tempo fora da escola, mas que é necessário ao longo do curso situar elementos. E para isso, o/a professor/a deverá procurar se adequar no aprendizado desse tipo de modalidade de ensino, porque cada sujeito aprende de uma determinada maneira.

Quando perguntados por que desistem de estudar, os/as alunos/as deram as seguintes respostas: Diarista dos Santos “[...] muito cansaço acho que não tenho mais disposição para estudar”. Gari de Almeida diz: “Trabalho muito, quando chega a noite já estou muito cansado, só tenho vontade de descansar”. Doméstica Moreira “Trabalho o dia todo, quando chego lá me dar muito sono aí eu não aguento”. Pedreiro de Jesus “Cansado muito cansado quem trabalha o dia todo perde a disposição para estudar.

Nessa perspectiva os/as entrevistados/as quando perguntados como seria a escola que eles/as querem permanecer deram as seguintes respostas: Pedreiro da Silva “[...] sei não talvez uma escola que não ficasse sentado o tempo todo”. Gari de Almeida afirma que seria “Uma escola bem animada (risos), com muitos alunos pra conversar não dois ou três, quando tem muitos é até bom” Doméstica Moreira responde que “[...] uma escola sem tantas coisas, uma área de lazer, esportes e merenda [...]”. Pedreiro de Jesus fala que seria “[...] uma sala de computação, um auditório para cinema e palestras, vários jardins, arvores estacionamento lanchonete aí sim seria uma escola legal”.

Assim, a escola necessita entender esses sujeitos a partir de suas diferenças culturais e cognitivas, aliando ao processo ensino-aprendizagem conteúdos e conhecimentos práticos que sirvam para a vida social dos indivíduos e que os permitam atuarem de forma crítica e reflexiva na sociedade a qual estão inseridos.

Nesta proposta de contemplar as singularidades e perfil dos alunos da EJA é que o/a professor/a deve se fazer atento a sua prática pedagógica promovendo um ambiente favorável a aprendizagem significativa dos seus alunos reconhecendo-os como grupo homogêneo, entretanto, respaldados pela heterogeneidade que permeia essa modalidade de educação.

Percebem-se nesse contexto conhecimentos vazios, sem conexão com o mundo vivido. Verifica-se a necessidade de um currículo que permita em seu projeto político pedagógico favorecer a interação entre a proposta pedagógica nas relações com a comunidade. Contudo,

constata-se que há carência de efetivação de Políticas Públicas da Educação de EJA que de respaldo a efetivação dessa proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos nosso trabalho podemos perceber que esta modalidade de ensino ainda continua as margens dos descasos políticos educacionais, pois não são valorizados e nem reconhecidos como de direitos. É necessário que pensemos em formar os sujeitos da EJA para a vida com habilidades que os garanta viver em sociedade sem medo e nem preconceito, tornando-os homens e mulheres construtores do seu futuro, acreditando em seu potencial humano.

Outra característica observada na maioria dos/as alunos/as e que dificulta a formação dos sujeitos críticos, é a timidez o que de uma forma ou outra tem sido obstáculo para que eles socializem suas ideias e dificuldades, assim o processo de aprendizagem torna-se mais difícil para ambas as partes. Logo faz se necessário refletirmos quanto ao papel do/a educador/a e da educação, especificamente na modalidade de ensino EJA aqui referenciada. Precisamos promover na EJA um cenário educacional que de forma satisfatória assegure a alfabetização assim como a socialização deste educando que se sustente no eixo formativo para a vida em sociedade.

Comprova-se, então, o grande interesse dos alunos pelos estudos, sua dedicação e força de vontade. Em relação ao/a professor/a, através desta pesquisa, observa-se o quanto é difícil encontrar profissionais realmente preparados/as para atuar na EJA, como também não há uma grande preocupação das instituições de ensino superior com a formação acadêmica voltada para esse segmento educacional. Porém, é preciso reforçar que há professores/as comprometidos/as com a educação dos/as adultos/as. O/a professor/a precisa ser valorizado para que a educação tenha uma qualidade superior. Se esse grande salto ocorrer, há a possibilidade de construir uma sociedade justa, crítica e com sujeitos competentes.

Na EJA e na construção do enfrentamento para os desafios sociais o/a educador/a precisa estabelecer pontos a partir de um movimento dialético. Construindo assim uma educação que se assemelhe a sua realidade sem perder de vista a importância do conhecimento básico como ler, escrever e interpretar, no entanto é sabido que o/a professor/a precisa ser dinâmico/a e criativo/a, pois a metodologia adotada para esta modalidade de ensino carece de superar o repetitivo, o comodismo em sala de aula, usando sim o material de apoio didático, mesmo sendo inadequado e insuficiente, mas isso não nos

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

impossibilita de sermos e fazermos diferente para que consigamos uma formação humana e social para os alunos da EJA.

A EJA ao longo das últimas décadas tem se tornado um desafio a serem revisto pelos órgãos competentes quanto a sua forma de ensino e aprendizagem afinal não estamos formando sujeitos vazios estamos lidando com pessoas que tem uma história de vida que precisa estar atrelada a formação educacional escolar.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **A nova configuração da EJA e seus impactos na formação dos educadores de jovens e adultos.** SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS, 1, [conferência], 22 maio 2006, Belo Horizonte.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação.** Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei n.º. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Imprensa Nacional, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido,** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 14ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir.; ROMÃO, J. E. **Educação de jovens e adultos: teoria prática e proposta.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e conhecimento.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. ed. 11. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.